



“Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora”

Eixo temático: Trabalho, Questão Social e Serviço Social

Sub-eixo: Trabalho e expressões da questão social

A CONTRADIÇÃO DO TRABALHO: entre o ser social e o capital

ANDRÉA FÃO CARLOTO ¹

RESUMO: Este artigo apresenta os resultados da pesquisa de campo realizada com servidores públicos federais de uma Instituição Federal de Ensino Superior/IFES. Os resultados aqui apresentados referem-se à categoria trabalho e o seu papel na constituição dos sujeitos, também se aborda a expressão do trabalho no modo de produção capitalista. Os resultados demonstram que essa realidade também é atravessada por processos de precarização social e do trabalho. Onde os processos de adoecimento mental relacionam-se ao trabalho alienado e então expressam manifestações de rebeldia e resistência frente a contradição entre capital e trabalho.

Palavras-chave: trabalho ontológico; trabalho abstrato; trabalho alienado.

RESUMEN: Este artículo presenta los resultados de la investigación de campo realizada con servidores públicos federales de una Institución Federal de Educación Superior. Los resultados aquí presentados se refieren a la categoría de trabajo y su papel en la constitución de los sujetos, también se acerca a la expresión del trabajo en el modo de producción

¹ Estudante de Pós-Graduação. Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul

capitalista. Los resultados muestran que esta realidad también está atravesada por procesos de precariedad social y laboral. Donde los procesos de enfermedad mental se relacionan con el trabajo alienado y luego expresan manifestaciones de rebeldía y resistencia frente a la contradicción entre capital y trabajo.

Palabras claves: trabajo ontológico; trabajo abstracto; trabajo alienado.

Palabras claves: trabalho ontológico; trabalho abstracto; trabalho alienado.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como tema o trabalho e as expressões da questão social e tem como objetivo abordar o trabalho, a partir da perspectiva marxiana, articulando-o ao contexto dos servidores públicos federais – Docentes e Técnico Administrativos em Educação/TAE – de uma Instituição Federal de Ensino Superior. Para isso, realiza-se a articulação do debate teórico com alguns dos resultados obtidos pela pesquisa intitulada “Trabalho e Adoecimento Mental: um estudo no contexto de uma Instituição Federal de Ensino Superior”² que foi desenvolvida entre 2019 e 2020 e cujos resultados compuseram a dissertação de mestrado intitulada “Trabalho e Adoecimento Mental dos servidores públicos: facetas da precarização em uma Instituição Federal de Ensino Superior”.

A análise dos dados coletados revelou semelhanças na percepção dos entrevistados sobre trabalho. Do total de 10 entrevistados, foi possível identificar semelhanças na fala dos 2 Docentes entrevistados, onde destacou-se o embate entre trabalho concreto e o trabalho abstrato. Evidenciou-se semelhanças também na manifestação dos 8 TAEs. As relações sociais destacaram-se na fala de 3 entrevistadas (TAE 3, TAE 4 e TAE 5). Outros 3 entrevistados (TAE 1, TAE 6 e TAE 7) identificaram o trabalho como garantidor da subsistência por meio do salário. E para finalizar, 2 entrevistadas (TAE 2 e TAE 8) relacionaram o trabalho ao sentimento de ser útil, ao trabalho concreto.

Esses dados serão trabalhados e expostos no decorrer deste artigo, que está

²Pesquisa aprovada pela Comissão Científica e cadastrada no Sistema de Pesquisas da PUCRS. Aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS (Parecer Consubstanciado do CEP Número 3.544.188).

dividido em 3 itens. O primeiro discorre sobre o aspecto ontológico do trabalho. O segundo item aborda o trabalho no modo de produção capitalista, bem como alguns conceitos fundamentais para este debate. No terceiro item, o foco é o trabalho alienado, que consiste na materialização do trabalho como fardo, no qual o sujeito não se identifica, característico desse modo de produção e seus desdobramentos objetivos e subjetivos para o homem. E por fim apresenta-se a conclusão.

2. O TRABALHO E O SER SOCIAL

Há muito se reconhece que o trabalho é fonte de riqueza, razão pela qual é central na obra marxiana. Seu caráter ontológico é destacado por Marx, ou seja, é o trabalho que determina a natureza da realidade e da existência do ser. O trabalho sob seu aspecto ontológico, como fundante do ser social, é entendido como toda a ação intencional que produz resultados previamente idealizados pelo sujeito que trabalha, tendo como central a produção de valores de uso, ou seja, aqueles que atendem necessidades humanas de toda a ordem.

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. [...] A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza (MARX, 2013, p. 327).

Pode-se dizer que nesse processo o homem transforma o que está externo a ele, a natureza, como também a si mesmo, onde cada mediação realizada, acumula experiências, conhecimentos e vivências incidindo sobre o próprio processo de humanização. A materialização de um produto ou de um serviço se dá por meio de processos de trabalho que envolvem três elementos fundamentais, “[...] em primeiro lugar, a atividade orientada a um fim, ou o trabalho propriamente dito; em segundo lugar, seu objeto e, em terceiro seus meios” (MARX, 2013, p. 328). No trabalho, o ser humano produz resultados por ele previamente idealizados, ou seja, antecipa o resultado da sua ação antes de colocá-la em prática.

Essa ação tem por objetivo a manutenção da própria vida e a satisfação dos

desejos, ou seja, o trabalho é uma ação intencional, por isso consiste em uma atividade orientada a um fim. Ressalta-se que novas necessidades também emergem desse processo impulsionando transformações societárias. O objeto do trabalho é a matéria natural a ser transformada para atender as necessidades humanas, onde se inclui o próprio homem, como parte da natureza. Se essa matéria natural já é produto de um processo de trabalho então ela é denominada de matéria-prima.

E por último, o processo de trabalho pode consistir em uma relação mediada entre sujeito e objeto, pelo uso de meios de trabalho, seja um instrumento ou um conjunto deles. Os instrumentos podem servir para diferentes operações e também são produto do trabalho humano. Eles diferenciam as épocas econômicas pois fornecem uma medida do grau de desenvolvimento da força de trabalho e indicam as condições sociais nas quais se trabalha. O produto de um processo de trabalho, trabalho concreto, se expressa em valor de uso/diretamente ligado à relação entre homem e natureza e atende a uma necessidade, além disso, propicia o desenvolvimento das forças produtivas e das relações sociais.

No modo de produção capitalista o trabalho se expressa em trabalho abstrato e estranho ao homem, como será abordado nos próximos itens deste artigo, mas a essência do trabalho expressa na produção de valores de uso (sejam produtos ou serviços), remete ao trabalho enquanto elemento constitutivo do ser social. Os resultados da pesquisa de campo apontaram elementos empíricos que denotam essa centralidade para o ser humano, as falas de duas entrevistadas (TAE 2 e TAE 8) auxiliam a elucidar essa relação. Elas relacionam o significado do trabalho a ser útil, no entanto esse sentimento de utilidade é voltado para si, pois enquanto que para uma significa sentir-se bem, para outra significa sentir-se digna. Nessas falas identifica-se uma maior proximidade com o caráter ontológico do trabalho, como se pode observar:

É necessário para mim (referindo-se ao trabalho), porque se eu ficar só em casa, sem ter uma atividade, sem ter meu horário de trabalho e me sentir útil, aí não tem condições de melhorar mesmo. (TAE 2).

Ai, eu acho que o trabalho é uma coisa que dignifica muito a pessoa, a pessoa tem autonomia com o sai vou trabalhar, vou fazer [...], eu acho que o trabalho é das coisas assim que existe de melhor na vida de uma pessoa. O trabalho assim é uma coisa maravilhosa, sabe? [...] Porque o trabalho é um, eu acho assim, a pessoa ser útil, fazer algo, dá algo, né? Então, eu acho que trabalho é isso. (TAE 8).

Pode-se perceber na fala das entrevistadas o elemento comum de tornar-se útil ao realizar o trabalho, ou seja, além dos impactos objetivos, se tem aspectos subjetivos na constituição social dessas pessoas. O trabalho rompe com o padrão natural das atividades, diferenciando o homem dos animais, pois consiste em uma atividade que envolve a relação entre o pensar e o agir. Diferente do que ocorre com os animais, que apenas suprem

necessidades biologicamente estabelecidas e praticamente invariáveis. Diferente dos animais, o ser genérico além de atender suas necessidades biológicas, as amplia, criando novas necessidades a partir da interação social entre os seres humanos.

Pode-se distinguir-se os homens dos animais pela consciência, pela religião e por tudo o que se queira. Mas eles próprios começam a se distinguir dos animais logo que começam a produzir seus meios de existência, e esse passo à frente é a própria consequência de sua organização corporal. Ao produzirem seus meios de existência, os homens produzem indiretamente sua própria vida material (MARX; ENGELS, 1998, p. 10).

Netto e Braz (2011, p. 40) apontam três características fundamentais na distinção das atividades realizadas pelos animais – entendendo-as enquanto uma relação imediata entre animal e meio ambiente – e do trabalho realizado pelo ser humano, quais sejam:

- em primeiro lugar, porque não se opera com uma atuação imediata sobre a matéria natural; diferentemente, ele exige instrumentos que, no seu desenvolvimento, vão cada vez mais se interpondo entre aqueles que o executam e a matéria; - em segundo lugar, porque o trabalho não se realiza cumprindo determinações genéticas, bem ao contrário, passa a exigir habilidades e conhecimentos que se adquirem inicialmente por repetição e experimentação e que se transmitem mediante aprendizado; - em terceiro lugar, porque o trabalho não atende a um elenco limitado e praticamente invariável de necessidades, nem as satisfaz sob formas fixas; se é verdade que há um conjunto de necessidades que sempre deve ser atendido (alimentação, proteção contra intempéries, reprodução biológica etc.), as formas desse atendimento variam muitíssimo e, sobretudo, implicam o desenvolvimento, quase sem limites de novas necessidades (NETTO; BRAZ, 2011. P. 40).

Cabe ressaltar que o trabalho possui três dimensões interligadas. A primeira delas é fornecer as condições materiais de existência e reprodução da sociedade, é por meio do trabalho que as necessidades humanas são supridas. A segunda dimensão é a objetivação do sujeito que efetua o trabalho. “O trabalho implica, pois, um movimento indissociável em dois planos: num plano subjetivo (pois a prefiguração se processa no âmbito do sujeito) e num plano objetivo (que resulta na transformação material da natureza)” (NETTO; BRAZ, 2011, p.42). Nessa dimensão o trabalho distancia e diferencia o homem da natureza, além disso, pelo trabalho o próprio homem se transforma. E a terceira dimensão, o trabalho é fundamental para compreender o modo de ser dos homens e da sociedade, pois a reprodução social dos seres humanos também está imbricada ao trabalho que afeta os sujeitos e a sua organização.

A dimensão coletiva do trabalho e o homem como um ser social, também ficou evidente na pesquisa de campo, já que 3 entrevistadas (TAE 3, TAE 4 e TAE 5) ressaltaram a importância das relações interpessoais no trabalho. Seja pelo próprio convívio com outros trabalhadores e usuários do serviço como destacam a TAE 3 e a TAE 4, seja por identificar um processo de aprendizagem, de troca intrínseco a essas relações conforme evidencia-se na fala da TAE 5.

Focar aqui (referindo-se ao trabalho), é a minha fuga, sabe? É uma forma de eu me sentir, aí, vamos continuar né. Pra mim, tanto que agora eu tenho mais atestados pra tirar, eu não quero tirar. Eu preciso trabalhar sabe? Aquela coisa, eu preciso estar aqui, eu preciso ver as pessoas, conversar, e focar em outra coisa. (TAE 3).

Adorava muito trabalhar, o pessoal lá era muito bom, assim, eu iria estranhar quando saísse de lá se eu tivesse lá trabalhando e fosse lá pra cima, porque eu me dava mais com o pessoal [...]. É. Eu me dava mais com o pessoal da psicossocial. (TAE 4).

Ai, o trabalho pra mim é tudo, eu adoro trabalhar. [...] eu gostei de ter trabalhado na universidade durante todos esses anos, pelo trabalho com os alunos, claro que a gente tem as relações com os professores, [...], mas são os alunos que dão a energia pra instituição ser renovada, são eles que trazem as coisas novas, porque a cada ano muda e aquilo vai, aquela energia positiva que ele, não sei se é bem a palavra energia, aquela mudança, aquelas coisas novas que vem, isso faz com que a gente cresça e a gente enxergue coisas novas, senão se tu fica sempre com as mesmas pessoas ali, tu não sai dali, fica sempre as mesmas coisas. Então essa mudança essa troca, isso, essa interação com o aluno é muito boa e eu gosto disso. [...] É um processo de aprendizagem, é uma troca né. Você aprende e o aluno também aprende. (TAE 5).

A partir dessas falas, pode-se inferir que a atividade laboral é vista como forma de conviver com as pessoas, ou seja, de tornar-se social, de interação com outros seres humanos. A importância dessa interação fica expressa principalmente na fala da TAE 5, que consegue perceber a troca de conhecimentos e aprendizagem na interação social estabelecida através do trabalho.

Assim é necessário reconhecer que o ser humano, desde a pré-história até as sociedades mais complexas, desenvolve suas atividades no interior de uma associação com outros seres humanos (VIANA, 2016). Essas relações sociais também são fundamentais quando se tratam de necessidades humanas, que não são fixas, pelo contrário são construídas socialmente e historicamente na relação com os seus semelhantes e também com o próprio trabalho.

Para finalizar esse item, cabe destacar que nessa perspectiva, em toda a história da humanidade o trabalho tem centralidade, mas em distintos períodos históricos, conforme o desenvolvimento das forças produtivas, expressa-se em diferentes formas de organização, são exemplos disso os modos de produção escravista, feudal e capitalista. A seguir será abordado o trabalho abstrato, ou seja, a expressão do trabalho no modo de produção capitalista.

3. O TRABALHO COMO ELEMENTO CENTRAL NO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA

No modo de produção capitalista o trabalho expressa-se como trabalho assalariado ou trabalho informal. Para compreendê-lo, a obra de Marx é essencial, mas antes é importante apresentar o seu caráter contraditório nessa sociedade.

[...] se por um lado, podemos considerar o trabalho como um momento fundante da vida humana, ponto de partida da vida humana, ponto de partida do processo de humanização por outro, a sociedade capitalista o transforma em trabalho assalariado, alienado, fetichizado (ANTUNES, 2013, p.8).

Compreender essa contradição é fundamental. Para isso, faz-se necessário, inicialmente, resgatar que o processo de trabalho tem como resultado um produto ou serviço que tem valor de uso, como apresentado anteriormente, mas no modo de produção capitalista ele pode também ter valor de troca tornando-se uma mercadoria.

A apreensão do processo de trabalho permite compreender que na sociedade capitalista o trabalhador não detém os meios de produção e não possui o objeto de trabalho, assim, “[...] a economia política considera o proletário, ou seja, aquele que vive, sem capital ou renda, apenas do trabalho e de um trabalho unilateral, abstrato, como simples trabalhador” (MARX, 2001, p.72), como ocorre com os servidores públicos federais participantes deste estudo.

Considerando que os elementos do processo de produção, já descritos no item anterior, são essenciais para obter a produção de valores de uso, o trabalhador precisa vender a sua força de trabalho, por um tempo determinado, para quem detém esses outros dois elementos do processo de produção (objeto e meios de trabalho), o capitalista. Em troca o trabalhador receberá um salário.

O preço médio do trabalho assalariado é o mínimo de salário, isto é, a soma dos meios de subsistência necessários para manter vivo o trabalhador enquanto trabalhador. Assim, por meio de sua atividade, o trabalhador se apropria apenas do suficiente para sua existência. (MARX; ENGELS, 1998, p. 10).

O salário é a expressão do valor da força de trabalho e assim, “[...] como o de todas as outras mercadorias, é determinado pelo tempo de trabalho necessário para a produção – e, conseqüentemente também para a reprodução – desse artigo específico” (MARX, 2013, 316). Na pesquisa de campo 3 entrevistados (TAE 1, TAE 6 e TAE 7) relacionaram o significado do trabalho à subsistência. A TAE 1 e a TAE 6 ressaltaram o salário, ou seja, o trabalho abstrato próprio do modo de produção capitalista.

Pois então, eu exerço um cargo que não é da minha área. Eu sinto que não existe muita produção. O cargo é esse e as funções são essas. Você não faz coisas diferentes, é sempre a mesma coisa e isso frustra porque você não produz, não faz coisas diferentes. Eu tenho esse sentimento que me dá bastante ansiedade

estando aqui, principalmente com as oito horas. [...], mas o trabalho é extremamente importante, eu dou valor pro cargo porque preciso desse dinheiro fixo. Tem muito valor você ter o seu dinheiro para fazer as suas coisas, para tentar crescer de outra forma, achar outros caminhos. Então tem sua importância. [...] Você sabe que é importante o salário, porque não tem como dispensar o que se ganha. É importante para se viver, para o ser humano viver, mas você tem que ser feliz. (TAE 1).

Ah, o trabalho... Acho que, que nem eu digo, meus filhos em primeiro lugar, o trabalho em segundo lugar e marido em terceiro, porque o trabalho é uma forma de sustento e de ser responsável pelo o que você é. Eu sempre trabalhei. Sempre gostei do meu serviço. Nunca fui... Eu acho que eu nunca fui uma pessoa relapsa para as coisas assim. Nunca deixei faltar prazos e coisas do tipo. Eu sempre procuro ajudar os outros e contribuir com o trabalho, com atividades. Além da remuneração, eu sempre quis ter o meu dinheiro, minhas coisas e nunca depender dos outros. Então eu sempre corri atrás de emprego, de serviço. (TAE 6).

Nessas passagens das entrevistas pode-se identificar a venda da força de trabalho como mediação necessária para atender as necessidades de sobrevivência dos entrevistados. O salário consegue mediar o atendimento de determinados bens essenciais para a reprodução social dos trabalhadores. Mas essa relação expressa no salário manifesta-se de duas maneiras nas entrevistas: o trabalho assalariado ora apresenta-se como frustrante e repetitivo, ora como forma de garantir o atendimento de certas necessidades e sinônimo de autonomia em relação a depender de outras pessoas para poder ter acesso a certos bens.

O trabalho assalariado enquanto sinônimo de emprego é outra importante definição para este estudo. Ele expressa-se no trabalho abstrato que opera a produção de valores de troca e no contexto atual assume grande importância pois os bens necessários para a manutenção da vida humana tornam-se mercadorias.

Também está relacionada ao trabalho abstrato a fala do TAE 7 que associa o trabalho na instituição ao cansaço e ao desejo pela aposentadoria, mesmo dominando as atividades que realiza. Identifica-se que o entrevistado permanece trabalhando porque necessita da remuneração para a própria manutenção e da sua família, então só poderá deixar o trabalho no momento da aposentadoria. Ele relata:

Eu já cansei. Esses dias eu disse para a psicóloga organizacional: estou cansado disso aqui. E ela disse: mas o que lhe cansa? Me cansa andar por essas ruas. Estou cansado disso aqui. Já me esgotei". Eu acho um absurdo fazer a gente trabalhar até mais tempo. Então se eu pudesse, eu saía. Estou preparado para sair. (TAE 7).

No modo de produção capitalista a força de trabalho “[...] torna-se uma mercadoria, ainda que especial, cuja finalidade é criar novas mercadorias e valorizar o capital. (ANTUNES, 2013, p. 8). Assim, na sociedade capitalista o trabalhador vive para multiplicar o capital e não especificamente para sentir-se objetivado no produto do trabalho, disso decorre a necessidade de, mesmo cansado, trabalhar até a aposentadoria. Com isso, não se está afirmando que o trabalho na IFES valoriza o capital de forma direta.

Ainda sobre o modo de produção capitalista, adverte-se que o produto do processo de trabalho pertencerá ao capitalista e não ao seu produtor, o trabalhador. O capitalista, objetiva produzir não apenas valor de uso, mas sim mercadorias.

[...] qual é a substância social comum a todas as mercadorias? É o trabalho. Para produzir uma mercadoria, deve-se investir ou a ela incorporar uma determinada quantidade de trabalho. E não simplesmente trabalho, mas trabalho social. Aquele que produz um objeto para seu uso pessoal e direto, para seu consumo, produz um produto, mas não uma mercadoria (MARX, 2013 A, p. 61).

É importante entender que a mercadoria é o produto do processo de trabalho e o trabalhador está subordinado à divisão do trabalho na sociedade. A mercadoria possui valor de uso, ou seja, é útil para a reprodução da existência humana, e valor de troca, isto é, a relação de quantificação do valor de uso permutável e está diretamente ligado a comercialização. Assim, toda a mercadoria possui valor de uso, mas nem todo produto com valor de uso é mercadoria (MARX, 2013).

O trabalho e o salário que são peças fundamentais para compreender a produção de mais-valia pois “A quantidade de trabalho que limita o valor da força de trabalho do operário de modo algum limita a quantidade de trabalho que sua força de trabalho pode executar” (MARX, 2013 A, p. 74). É assim que apenas uma parte da força de trabalho é paga, a parcela de trabalho que não é remunerada constitui o sobretrabalho (excedente de tempo), e é ele que, possibilita ao capitalista vender as mercadorias pelo seu valor real e ainda obter um sobreproduto, a mais-valia.

Nesse contexto também se evidencia um aspecto que distingue o trabalho assalariado das demais formas históricas de trabalho, como o trabalho escravo e o servo camponês, “[...] a parte de trabalho pago e não pago aparecem inseparavelmente dissimuladas pela intervenção de um contrato e pelo pagamento efetuado semanalmente” (MARX, 2013 A, p. 77). Na sociedade capitalista tem-se a falsa aparência de que todo o trabalho é trabalho pago, quando na realidade não é. Essa dinâmica conduz à sucessiva reprodução desse modo de produção e garante a manutenção das classes sociais.

Outro ponto importante da dinâmica do modo de produção capitalista que tem efeitos sobre o operário que vende a sua força de trabalho, diz respeito as formas de extração de mais-valia, ou seja, a mais-valia absoluta e a mais-valia relativa. A mais-valia absoluta consiste na “[...] extensão da jornada de trabalho além do ponto em que o trabalhador teria produzido apenas um equivalente do valor de sua força de trabalho, acompanhada da apropriação desse mais-trabalho pelo capital”. (MARX, 2013, p. 707). Já a mais-valia relativa se dá “[...] por meio de métodos que permitem produzir em menos tempo

o equivalente do salário. [...] a produção do mais-valor relativo revoluciona inteiramente os processos técnicos do trabalho e os agrupamentos sociais” (MARX, 2013, p. 707). Ambas visam a ampliação do lucro pelo capitalista e de uma forma ou de outra provocam mudanças na vida do trabalhador que vende sua força de trabalho.

Também é importante, a partir da teoria marxiana, discorrer sobre conceitos que explicam como o trabalho se expressa sob o modo de produção capitalista: trabalho concreto e trabalho abstrato. Entende-se que o trabalho concreto é dispêndio de força humana para um determinado fim que tem como produto valores de uso. Já o trabalho abstrato considera o que há de comum entre os diferentes trabalhos, ou seja, o dispêndio de força humana de trabalho, dessa forma, possibilita a igualação de diferentes trabalhos, pelo valor, o qual é medido pelo tempo socialmente necessário à produção (MARX, 2013).

Ao situar o trabalho historicamente, também emergem os conceitos de trabalho produtivo e o trabalho improdutivo. Do ponto de vista do processo capitalista de produção, o trabalho produtivo pode ter como resultado produtos materiais ou imateriais, é diretamente promotor de mais-valia e está necessariamente subordinado à lógica da valorização do capital, uma vez que, possibilita a acumulação do capital. Ainda, o trabalho produtivo tende a ser assalariado, mas nem todo trabalho assalariado é produtivo (ANTUNES, 2018). Já o trabalho improdutivo tem como produto valores de uso, não produz mais valor, como é o caso dos servidores públicos federais que trabalham na IFES, porém esse especificamente não deixa de ser assalariado. O trabalho improdutivo também pode ser explorado na sociedade capitalista. Para melhor explicitar,

O mesmo trabalho, por exemplo, jardinagem, alfaiataria etc., pode ser realizado pelo mesmo trabalhador a serviço de um capitalista industrial ou de um consumidor direto. Em ambos os casos, estamos ante um assalariado ou diarista, mas trata-se, num caso, de trabalhador produtivo e, noutro de improdutivo, porque no primeiro caso esse trabalhador produz capital e no outro caso, não; porque, num caso, seu trabalho constitui um momento do processo de autovalorização do capital; no outro caso não. (MARX, 2013 B, 133-134).

Todos esses conceitos expressos na teoria marxiana, fornecem elementos importantes para compreender as particularidades assumidas pelo trabalho no momento histórico da sociedade do capital onde ele adquire um sentido que abarca dois significados contraditórios, mas que se apresentam como indissociáveis, a liberdade e a servidão, tendo em vista que o modo de produção capitalista utiliza a mão de obra livre, na forma de trabalho assalariado.

A pesquisa de campo revelou os significados contraditórios do trabalho nas entrevistas realizadas com os dois docentes. Mesmo que de forma diferente, os dois

docentes entrevistados (DOCENTE 1 e DOCENTE 2) demonstraram realização e identificação com o trabalho, mas também alegaram cobrança, sobrecarga e frustração, como se pode observar:

O trabalho para mim é, além de ser uma profissão, é algo que eu gosto, é prazeroso. Eu gosto de vir dar aula. Como toda aula a gente tem um certo estresse, uma sobrecarga principalmente no final de ano, final de bimestre, mas sobremaneira final de ano. Então chega esse período a gente está bastante esgotada. Mas eu gosto de ensinar. Gosto de ver os alunos comprometidos. Não são todos, mas a gente nota que tem alunos que você consegue passar o conhecimento e consegue mostrar um caminho e a pessoa vai adiante. Isso é muito gratificante. Algumas coisas assim no trabalho às vezes são mais complicadas, não só dar aula, mas tem outras atividades para fazer: tem orientações, tem revisões, tem outros trabalhos e as vezes o ambiente onde você está não é tão propício para trabalhar. Não é o meu caso, mas eu vejo alguns colegas que se sentem massacrados em relação com os próprios colegas de trabalho, que tem uma certa "rixa", digamos. Uma sobrepressão do meio. Não é o que acontece ali onde trabalho. O ambiente é super saudável nesse sentido. Mas já me senti assim em outros momentos, de muita cobrança. Muita cobrança e aí só veem o teu lado, enquanto tu tá ali no trabalho, e esquecem todo o resto do teu contexto. Eu acho complicado trabalhar assim. Poxa, eu sou uma pessoa só, que tem que assumir diversos papéis em momentos diferentes. Enquanto estou no trabalho, me dedico ao trabalho, mas não posso esquecer que eu tenho uma família, que eu tenho filhos que dependem de mim. E tem pessoas que acham que as vinte e quatro horas do teu dia devem ser dedicadas ao trabalho. E aí fica mais complicado de se trabalhar em conjunto. (DOCENTE 1).

É... parece meio provérbio popular né, mas eu adoro ser professor, foi a profissão que eu escolhi no segundo ano da faculdade, eu tive esse sonho de ser professor, de alçar o mestrado, doutorado, virar professor, quem sabe oxalá titular daqui uns anos. Então é, traz dignidade, traz evidentemente reconhecimento, eu acho que é isso que a gente busca quando a gente se sente bem no nosso trabalho, no nosso ambiente de trabalho. [...] É claro que esse episódio (referindo-se ao episódio que desencadeou o adoecimento) ele me deixou bastante frustrado. A gente lida com jovens, jovens imaturos, jovens maduros, pessoas..., claro que estão crescendo do ponto de vista de maturidade intelectual. Mas foi, foi um pouco frustrante essa situação. (DOCENTE 2).

Esse embate, expresso na fala dos dois docentes da IFES também pode ser identificado como dicotomia prazer/sofrimento, pois conforme Dejours e Jayet (2009), a mobilização em relação a questão do trabalho e de sua organização não é devida apenas ao prazer, mas paradoxalmente, também ao sofrimento. Esse também, pode ser reconhecido como um movimento de resistência dos trabalhadores que buscam o sentido do trabalho concreto num momento histórico em que o trabalho abstrato impera, pois na ótica moderna o trabalho torna-se sinônimo de emprego, e nesse contexto, a produtividade é enaltecida e o ócio condenado.

Ainda na fala da Docente 1 é possível identificar que ela visualiza o produto, ou seja, o resultado do processo de trabalho e isso torna a atividade gratificante. Mesmo na esfera de serviços, como é o caso dos docentes e TAEs, obtém-se um produto com o processo de trabalho, porém, na fala dos TAEs esse produto não foi explicitado, o que pode ser fruto da fragmentação dos processos de trabalho que envolvem essa categoria funcional. Outro aspecto que se evidencia na expressão da Docente 1 é o trabalho invisível e não pago, ou a expectativa de que o trabalhador esteja disponível em tempo integral para

a execução de suas atividades laborais, sem tempo para as relações pessoais e familiares, ou seja a invasão do trabalho nos outros ambitos da vida, processo caracterizado por Alves (2011) como uma vida “just in time” fazendo um paralelo com a flexibilização toyotista.

4. O TRABALHO ALIENADO

Os elementos constitutivos do processo de trabalho, já descritos anteriormente, estão presentes nos diferentes modos de produção, no entanto com diferenças que não derivam da necessidade humana de trabalhar e sim da forma como o trabalho se organiza em cada momento histórico. A dimensão histórica do trabalho precisa ser considerada da seguinte forma: “[...] em si mesmo ele é sempre continuidade e ruptura uma vez que parte das condições e circunstâncias herdadas e as altera criando um novo patamar objetivado sobre o qual as novas gerações atuarão” (IASI, 2010, p. 66), e ainda, há as determinações diversas que o levam a assumir formas particulares.

O trabalho que em condições ideais, não alienadas, é livre, consciente e um meio pelo qual o trabalhador se humaniza, no modo de produção capitalista adquire outro sentido, tornando-se apenas um meio para sobreviver. O trabalho em si não é alienado, ele encontra-se alienado em uma de suas formas determinadas. Para Marx a organização do trabalho possui desdobramentos objetivos e subjetivos e o trabalho no modo de produção capitalista materializa-se em trabalho alienado.

Mas em que consiste a alienação do trabalho? Em primeiro lugar, o trabalho é exterior ao trabalhador, ou seja, não pertence à sua característica; portanto, ele não se afirma no trabalho, mas nega-se a si mesmo, não se sente bem, mas, infeliz, não desenvolve livremente as energias físicas e mentais, mas esgota-se fisicamente e arruína o espírito. Por conseguinte, o trabalhador só se sente em si fora do trabalho, enquanto no trabalho se sente fora de si. Assim, o seu trabalho não é voluntário, mais imposto, é trabalho forçado. Não constitui a satisfação de uma necessidade, mas apenas um meio de satisfazer outras necessidades. [...] Finalmente, a exterioridade do trabalho para o trabalhador transparece no fato de que ele não é o seu trabalho, mas o de outro, no fato de que não lhe pertence, de que no trabalho ele não pertence a si mesmo, mas a outro. [...] a atividade do trabalhador não é a sua atividade espontânea. Pertence a outro e é a perda de si mesmo. (MARX, 2001, p. 114).

O trabalho alienado tem como consequência “[...] uma inversão trágica: quando o homem é homem (quando trabalha) não é homem, é animal; quando é animal (quando não está trabalhando) não é animal, é homem. (BINS, 1985, p. 78). É importante ressaltar que a alienação se refere a separação e ao estranhamento, ou seja, o produto do trabalho não

pertence ao ser produtor, mas sim ao capitalista, assim o trabalho “[...] perde parcialmente seu caráter humano (consciente e teleológico), pois passa a ser controlado por outro que não o trabalhador. A finalidade do trabalho deixa de ser atribuída pelo trabalhador e passa a ser atributo do não-trabalhador” (VIANA, 2016, s/p.).

Na obra intitulada *Manuscritos Econômicos e Filosóficos* escrita em 1844, Marx aborda os desdobramentos do trabalho assalariado no modo de produção capitalista.

Analisamos o ato de alienação da prática humana, o trabalho, segundo dois aspectos: 1) A relação do trabalhador com o produto do trabalho como a um objeto estranho que o domina. Tal relação é ao mesmo tempo a relação com o mundo externo sensível, com os objetos naturais, assim como com um mundo estranho e hostil; 2) A relação do trabalho com o ato da produção dentro do trabalho. Tal relação é a relação do trabalhador com a própria atividade assim como com alguma coisa estranha, que não lhe pertence, a atividade como sofrimento (passividade), a força como impotência, a criação como emasculação, a própria energia física e mental do trabalhador a sua vida pessoal – e o que será a vida senão a atividade? – como uma atividade dirigida contra ele, independente dele, que não lhe pertence. Esta é a autoalienação, em contraposição com a acima mencionada alienação da coisa.” (MARX, 2001, p. 115).

Nesta passagem observa-se o primeiro aspecto de alienação que consiste na alienação em relação ao objeto do trabalho, ou seja, o trabalhador produz, mas não usufrui o produto pois este não o pertence, dessa forma, está separado da natureza transformada e humanizada pelo trabalho, ou seja, de todo mundo humano (ANTUNES, 2013).

A alienação do trabalhador no objeto revela-se assim nas leis da economia política: quanto mais o trabalhador produz, menos tem de consumir; quanto mais valores cria, mais sem valor e desprezível se torna; quanto mais refinado o seu produto, mais desfigurado o trabalhador; quanto mais civilizado o produto, mais desumano o trabalhador; quanto mais poderoso o trabalho, mais impotente se torna o trabalhador; quanto mais magnífico e pleno de inteligência o trabalho, mais o trabalhador diminui em inteligência e se torna escravo da natureza). (MARX, 2001, p.113).

O segundo aspecto, a autoalienação, consiste na alienação fundada no processo de trabalho no modo de produção capitalista. “O fruto do trabalho, conduzido por mão estranha, entra no anonimato do mercado e pode voltar ao trabalhador (não como indivíduo, mas como classe) sem que este reconheça na mercadoria a sua própria obra, a parte de si objetivada” (BINS, 1985, p. 78). Aqui cabe ressaltar a separação entre trabalho manual e trabalho intelectual, mesmo sendo impossível existir uma separação total, reduz-se a utilização das capacidades físicas e mentais (VIANA, 2016)³, além disso, a inserção da máquina, a inserção dos modelos de gestão e organização do trabalho como taylorismo⁴,

³Esse autor ressalta que a análise do trabalho alienado recaí sobre o trabalho manual, mas o trabalho intelectual também pode se manifestar como alienação ou como práxis.

⁴O taylorismo é um modelo de organização e gestão do trabalho que propôs a intensificação da divisão do trabalho, tanto na esfera da produção quanto na da administração, diferenciando inclusive o trabalho manual do intelectual, esse sistema de organização fundamentava-se na especialização extrema de todas as funções e atividades e permitia uma intensificação do trabalho humano através da cronometragem de tempo das

fordismo⁵ e toyotismo⁶, e mais recentemente, os processos de produção fragmentados geograficamente que ganham impulso com o fenômeno da globalização¹⁰ da economia são fatores que potencializam diretamente a autoalienação. Neste contexto o trabalhador sequer visualiza integralmente o produto do trabalho, menos ainda consegue reconhecer-se no produto do trabalho.

Esses dois aspectos primeiros do trabalho alienado impactam na consciência que o homem tem da própria espécie desencadeando outros dois aspectos, quais sejam, a alienação da vida genérica do homem e a alienação do homem em relação ao homem (MARX, 2001). A alienação da vida genérica do homem que consiste em estar alienado daquilo que diferencia das demais espécies animais, o trabalho. O caráter genérico do homem é dado pela atividade vital. A atividade vital do homem é uma atividade vital lúcida, livre e consciente, isso o diferencia dos animais. Marx entendia o homem como um ser coletivo, um gênero.

Já que o trabalho alienado aliena a natureza do homem, aliena o homem de si mesmo, o seu papel ativo, a sua atividade fundamental, aliena do mesmo modo o homem a respeito da espécie; transforma a vida genérica em meio da vida individual. Primeiramente, aliena a vida genérica e a vida individual; depois, muda esta última na sua abstração em objeto da primeira, portanto, na sua forma abstrata e alienada. (MARX, 2001, p.116).

A propriedade privada divide os homens em classes sociais com interesses divergentes, assim, o conhecimento e a riqueza não são compartilhados e o caráter genérico da espécie é alienado. Cabe ressaltar que a concorrência cada vez mais acirrada também expande o não compartilhamento entre os próprios trabalhadores.

O último aspecto é a alienação do homem em relação ao homem. Na sociedade alienada a dimensão coletiva do homem é substituída pela oposição entre exploradores e explorados, sujeitos que seriam inter-complementares. Numa sociedade de classes com interesses divergentes, os homens tratam seus semelhantes com hostilidade.

[...] a relação em que o homem se encontra consigo mesmo, realiza-se e traduz-se inicialmente na relação do homem com os outros homens. Portanto, na relação do trabalho alienado, cada homem olha os

operações (PINTO, 2013).

⁵O fordismo é uma organização e gestão do trabalho que padronizou produtos, fabricando-os em larga escala, assim inseriu como novidade a linha de produção em série, com incremento da tecnologia utilizou-se da velocidade automática da linha de série (PINTO, 2013).

⁶Como reflexo das transformações macro e microeconômicas no regime de acumulação flexível do capital surge o modelo de organização e gestão do trabalho toyotista. Ele tem como principal característica a flexibilização dos mercados de trabalho e das relações de trabalho. A flexibilização da ação estatal resultou no aumento da segmentação da classe trabalhadora em dois grupos, de um lado os trabalhadores mais escolarizados e de outro os contratados temporariamente e vinculados à economia informal (PINTO, 2013).

outros homens segundo o padrão e a relação em que ele próprio, como trabalhador, se depara. (MARX, 2001, p.118).

Assim, o trabalho estrutura o sistema de metabolismo social do capital e ao mesmo tempo desestrutura e impossibilita a plena objetivação do ser social, e ainda, como os produtos do trabalho “[...] deixam de se mostrar como objetivações que expressam a humanidade dos homens – aparecem mesmo como algo que, escapando ao seu controle, passa a controlá-los como um poder que lhes é superior. (NETTO; BRAZ, 2011, p. 54). Assim, a criatura passa a dominar o criador, configurando a alienação. Para finalizar ressalta-se que:

A apropriação privada dos meios e instrumentos de trabalho, o controle da finalidade do trabalho, altera mais do que o resultado do processo de trabalho e o seu sentido, que deixa de ser a produção de valores de uso para ser um processo de valorização do valor; altera o papel do sujeito do trabalho transformando-o em mais um dos elementos materiais do processo de trabalho, coisificando-o como mais uma das mercadorias apropriadas pelo capital privado. (IASI, 2010, p. 70).

Nesse contexto, de alienação, a relação criador-criatura é invertida e ocorre a coisificação do homem, pois suas objetivações não se apresentam em suas obras e não expressam a humanidade dos homens (MUSTAFA; BENATTI, 2010). Essa alienação, fruto do trabalho no modo de produção capitalista ofusca a lógica do trabalho ontológico onde o homem colabora substituindo-a pelo homem que concorre.

Neste estudo observa-se o adoecimento relacionado ao trabalho como consequência do trabalho alienado. Alves (2016, p.16) explica: “Como fetiche, a doença laboral se coloca como uma exterioridade entranhada no corpo e mente do sujeito-que-trabalha”. A alienação humana é a perda de si, o que pode explicar o crescimento dos processos de adoecimento mental no âmbito social e do trabalho.

5. CONCLUSÃO

A partir da pesquisa realizada evidenciou-se que o trabalho na IFES também está impregnado dos reflexos da sociabilidade do capital, uma vez que ficaram evidentes as dimensões do trabalho alienado pelo processo de estranhamento vivenciado pelos trabalhadores, assim a vida cheia de sentido é a vida fora do trabalho. Em contrapartida, também emergiram aspectos do trabalho como atividade útil.

O contexto atual traz outros processos como a reestruturação produtiva e a predominância da racionalidade neoliberal que subsidiam a desvalorização dos servidores públicos e das instituições públicas e a adoção do modelo de gestão gerencialista. Esses processos incidem nas relações interpessoais e na gestão e organização do trabalho.

Considerando o que foi abordado nesse artigo, conclui-se que a realidade dos trabalhadores da IFES é comum à dos demais assalariados brasileiros, pois todos vivenciam processos de precarização social e do trabalho, mesmo que de formas diferentes. Também foi possível observar que os processos de adoecimento vivenciados pelos servidores públicos federais são expressões da questão social, ou seja, são manifestações de rebeldia e resistência à contradição entre capital e trabalho.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. Trabalho e Subjetividade: o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório. São Paulo: Boitempo, 2011.

ALVES, Giovanni. O Fardo Mórbito do Tempo Histórico do Capital Global. In: LOURENÇO, Edvânia Ângela de Souza (Org.). Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora e Serviço Social: estudos da relação trabalho e saúde no capitalismo contemporâneo. Campinas: Papel Social, 2016.

ANTUNES, Ricardo (org.). A Dialética do Trabalho I: escritos de Marx e Engels. 2. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

ANTUNES, Ricardo. O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital. 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2018.

BINS, Milton. Introdução à Sociologia Geral. 2. ed. Porto Alegre: Mundo Jovem, 1985.

DEJOURS, Christophe; JAYET, Christian. Psicopatologia do Trabalho e Organização Real do Trabalho em uma Indústria de Processo: metodologia aplicada a um caso. In: DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELI, Elisabeth; JAYET, Christian. Psicodinâmica do Trabalho, contribuições da Escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 2009.

IASI, Mauro Luis. Trabalho: Emancipação e Estranhamento. In: Sant'ana, Raquel Santos (org.). O Averso do Trabalho II: trabalho, precarização e saúde do trabalhador. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARX, Karl. O Capital: Livro I. São Paulo: Boitempo, março de 2013. Edição eletrônica. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2547757/mod_resource/content/1/ 13 MARX%2C%20Karl.%20O%20Capital.%20vol%20I.%20Boitempo..pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2547757/mod_resource/content/1/13%20MARX%2C%20Karl.%20O%20Capital.%20vol%20I.%20Boitempo..pdf). Acesso em: 05 de jul. de 2022.

MARX, Karl. Salário, Preço e Lucro. In: ANTUNES, Ricardo (org.). A Dialética do Trabalho II: escritos de Marx e Engels. 2. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013A.

MARX, Karl. Trabalho Produtivo e Trabalho Improdutivo. In: ANTUNES, Ricardo (org.). A Dialética do Trabalho II: escritos de Marx e Engels. 2. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013B.

MARX, Karl; ENGELS, Friederich. A ideologia Alemã. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MARX, Karl. Manuscritos Econômicos Filosóficos. São Paulo: Editora Martin Claret, 2001.

MUSTAFA, Patrícia Soraya; BENATTI, Lucimara Perpétua dos Santos. Trabalho e Necessidades: há satisfação das necessidades humanas na era do capital? In: Sant'ana, Raquel Santos (org.). O Averso do Trabalho II: trabalho, precarização e saúde do trabalhador. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. Economia Política: uma introdução crítica. São Paulo: Cortez, 2011.

PINTO, Geraldo Augusto. A Organização do Trabalho no Século XX: taylorismo, fordismo e toyotismo. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

VIANA, Nildo. Práxis, Alienação e Consciência. In: Informe e Critica. Disponível em: <https://informecritica.blogspot.com/2016/07/praxis-alienacao-e-consciencia.html>. Acesso em: 26 de maio de 2020.